

frente&verso

documentos periódicos de construção

ISSN 2182-8237

edifício cultural
Casa das Histórias Paula Rego
Eduardo Souto de Moura

27

CI'AMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR





editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes

Uma lenta maturidade

Tal como Herberto Helder nos apresenta, há uma lenta maturidade que importa considerar na obra de um criador, tal como foi este poeta, tal como foram muitos escritores, escultores e artistas plásticos, que progrediram na sua descoberta sobre os mistérios do mundo. Dizia-nos Fernando Pessoa – que também desenvolveu diferentes estratégias de maturidade – que o único mistério do Mundo é não haver mistério nenhum. E talvez por isso a sua fragmentação na procura de mundos e universos diferentes em busca desse mistério que ele próprio construiu. E, importa dizê-lo, que bem que o fez!

Na arquitetura a exigência por uma expressão de continuidade, fixação de uma linguagem, de um modo de fazer e de entender o mundo é uma perigosa falácia que muito tem diminuído o natural processo de interpretação e a subsequente capacidade de ação por parte do arquiteto, na produção de arquitetura que, deste modo, se autorreprime na condição de encontrar uma concretização capaz de espelhar ou revelar o nosso tempo.

A fixação de uma ideia de arquitetura num qualquer processo de produção, material, tecnologia ou linguagem é frequentemente um exercício conceptual que muitos arquitetos realizam como fator decisivo para a construção da sua marca, da sua identidade e do seu específico e genuíno, ou diferenciador, modo de fazer e de entender o mundo da arquitetura.

Deste modo se compreendem os diferentes ruídos – formais, espaciais – e as propostas de espaços híbridos e interseccionistas, de edifícios complexos, com programas banais, ou de edifícios banais com programas complexos, até exemplos onde a técnica construtiva e o uso e abuso de um determi-

nado material é a legitimação de qualquer solução de edifício para um determinado contexto, território ou condição social.

A procura da diferenciação e da distinção, do quem é quem na arquitetura, quem é o arquiteto do betão, da madeira, ou do aço, da tecnologia

“Hoje, nada sei de quem me amou ou ama. Nada me reparte no tempo. Abro-me à unidade da vida – e amo o passado e o futuro com um só fervor: completo. A geografia não existe. Quem está em Joanesburgo e me ama ou possui um breve poema rabiscado nas costas de um envelope, ou quem me odeia em Roterdão e apenas tem algumas palavras sem destinatário, nada poderá supor da minha lenta maturidade. Esses papeis pouco valem e esses sentimentos (de amor e ódio). Vale quem Sou.”

Herberto Helder

de ponta, dos muros de granito, das palas mediterrânicas, das casas pátio, do ar, da luz, da pedra, do cheios e vazios, dos calores e dos frios, dos silêncios e das marés, tem levado a uma certa manutenção no modo de fazer e criar arquitetura em Portugal. Este facto, mais do que permitir a ex-



perimentação de novas estratégias de criação e de adaptação aos diferentes contextos e circunstâncias, tem conduzido ao crescente processo de variações sobre temas que, de modo algum, parecem estar a contribuir para a necessária visão crítica que importa para a arquitetura portuguesa, num claro sinal de maturidade.

Se a *polissemia* é distrativa, quase sempre confusa, podendo ser até pouco enriquecedora em matéria disciplinar da arquitetura, será então a *homonímia* (quando duas ou mais palavras com origens e significados distintos têm a mesma grafia e fonologia) a via para a criação de um novo texto em arquitetura? Cremos que não.

Acreditamos que a homonímia em arquitetura poderá ser ainda mais empobrecedora ou limitadora porque cristaliza e fixa o pensamento crítico sobre a própria produção arquitetónica, porque torna o processo de produção e de conceção limitado por um qualquer desígnio condicionador apriorístico.

A obra de Eduardo Souto Moura, que este número apresenta, é a nosso ver paradigmática e indicia um claro sinal de mudança e de aceitação da própria mudança como fio condutor para uma nova estratégia de pensamento e de criação em arquitetura de autor, que Eduardo Souto Moura realiza como sinal de grande maturidade. Onde a polissemia se realiza e onde a homonímia se esclarece, compreende-se o valor desta obra no contexto atual da produção de arquitetura portuguesa, sobretudo porque permite ao autor extrapolar e evoluir a linguagem que ele próprio criou.

É, por isso, frequente associar a “Casa das Histórias” à influência de um outro autor português com que Eduardo Souto Moura trabalha: Álvaro Siza Vieira – mestre da arquitetura portuguesa e que muito contribuiu para o esclarecimento e desenvolvimento dos complexos processos de construção

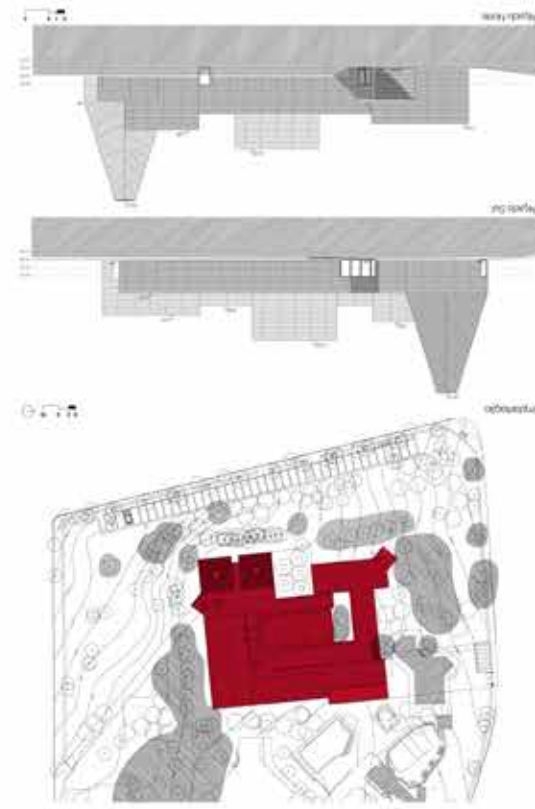
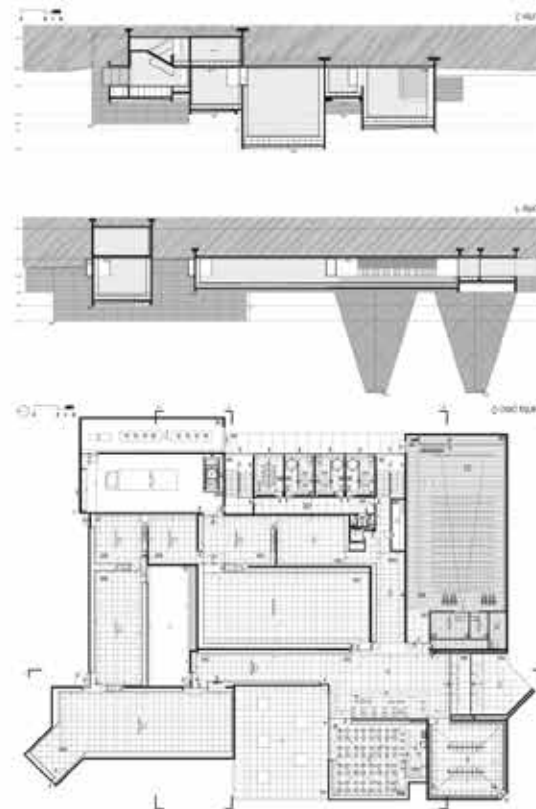
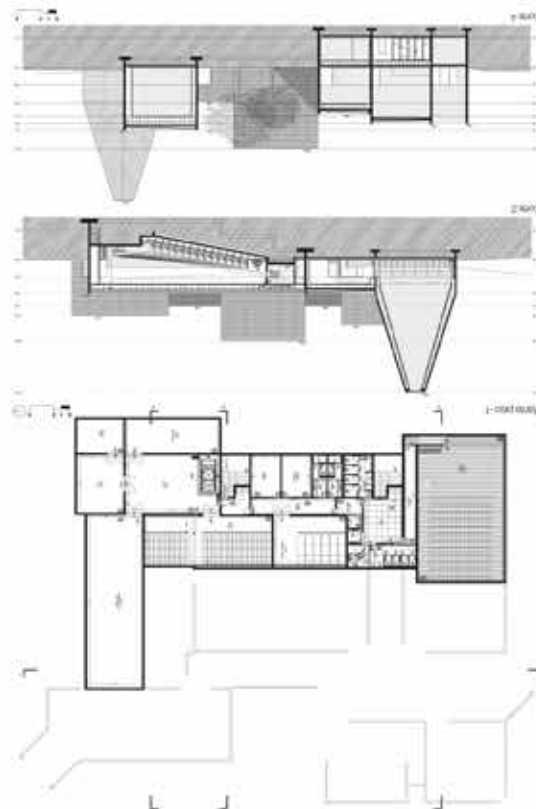
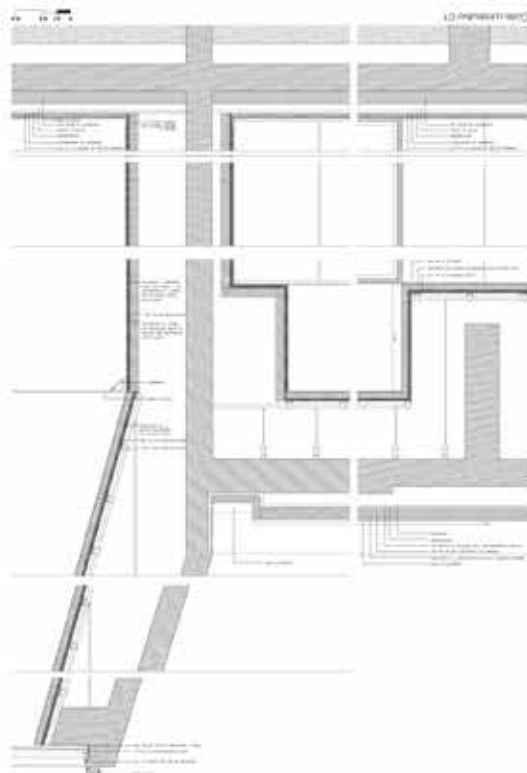
e de definição de uma linguagem arquitetónica de exceção, onde toda a obra nova é uma surpreendente revisão da produção passada e uma consequente e nova perspectiva para a produção futura. Por isso a obra de Siza é referência constante nas escolas de arquitetura e nos autores de referência do mundo.

A proximidade física não é menor que a proximidade intelectual e criativa dos dois Arquitectos que dão nome à Escola do Porto, que bem representam e promovem. Mas Eduardo Souto Moura nunca foi capaz, nem sequer quis algum dia, fazer à Siza. Fazer à Souto de Moura é já trabalho exaustivo e poder submeter a sua produção - num processo de maturação consciente – à crítica e à sua autocrítica é ainda mais um trabalho arrojado e arriscado.

“É na morte de um poeta que se principia a ver que o Mundo é eterno”

Herberto Hélder, vida e obra de um poeta.

Claramente que nesta obra, Eduardo Souto Moura, não poderá dizer o que já afirmou que “*desde o primeiro projeto, há muitos anos atrás, que continuo a desenhar a mesma casa*”. Decididamente aqui a casa é outra, a encomenda é outra, os materiais são outros e o tempo (esse grande escultor) é decididamente outro, indicando-nos a necessária maturidade e também a responsável liberdade que assume, abrindo assim o entusiasmo para compreendermos uma outra e talvez mais esclarecida ideia de arquitetura que esta obra promete.



permeabilidade de novas estratégias de criação e de adaptação aos diferentes contextos e circunstâncias, tem conduzido ao crescente processo de variações sobre temas que, de modo algum, parecem estar a contribuir para a necessária visão crítica que importa para a arquitetura portuguesa, num claro sinal de maturidade.

Se a performance é distinta, quase sempre confusa, podendo ser até pouco enriquecedora em termos de produção de arquitetura, será então a hominização (quando dada ou mais palpatória com origem e significado distintos) a mesma grata e formidável via para a criação de um novo texto em arquitetura? Cremos que não.

Acreditar que a hominização em arquitetura poderá ser ainda mais empobrecedora ou limitadora porque cristaliza e fixa o pensamento crítico sobre a própria produção arquitetónica, porque firma o processo de produção e de concepção limitado por um qualquer desígnio condicionador específico.

A obra de Eduardo Souto de Moura, que esta número apresenta, é a nossa vez paradigmática e indica um claro sinal de maturidade e de evolução da própria mudança como foi condutora para uma nova estratégia de pensamento e de criação em arquitetura de autor, que Eduardo Souto de Moura realiza como sinal de grande maturidade. Onde a performance se realiza e onde a hominização se esconde, compreende-se o valor desta obra no contexto atual da produção de arquitetura portuguesa, sobretudo porque permite ao autor extrair e evoluir a linguagem que ele próprio criou.

É, por isso, frequente associar a "Casa das Histórias" à influência de um outro autor português com que Eduardo Souto de Moura trabalha: Álvaro Siza Vieira — mestre da arquitetura portuguesa e que muito contribuiu para o esclarecimento e desenvolvimento dos complexos processos de construção

e de delimitação de uma linguagem arquitetónica de excelência, onde toda a obra nova é uma surpreendente revisão da produção passada e uma consequente e nova perspectiva para a produção futura. Por isso a obra de Siza é referência constante nas escolas de arquitetura e nos cursos de arquitetura do mundo.

A proximidade física não é menor que a proximidade intelectual e criativa dos dois Arquitetos que dão nome à Escola do Porto, que bem representam e promovem. Mas Eduardo Souto de Moura nunca foi capta, nem sequer que algum dia, tal, a Siza. Fazer à Souto de Moura é já trabalho exclusivo e poder submeter a sua produção — num processo de maturidade crescente — à crítica e à sua autorreflexão é ainda mais um trabalho atrevido e arrojado.

"É a morte de um poeta que se principia a ver que o Mundo é eterno"

Herberto Helder, sobre obra de um poeta

Claramente que nesta obra, Eduardo Souto de Moura, não poderá dizer o que já afirmou que "desde o primeiro projeto, há muitos anos atrás, que continuo a desenhar a mesma casa". Decididamente aqui a casa é outra, a encomenda é outra, os materiais são outros e o tempo (esse grande escultor) é decididamente outro, indicando-nos a necessária maturidade e também a responsabilidade libertada que assume, atirando assim o entusiasmo para compreendermos uma outra e talvez mais esclarecida ideia de arquitetura que esta obra promete.

frente&verso



frente&verso

edifício cultural
Casa das Histórias Paula Rego
Eduardo Souto de Moura



Uma lenta maturidade

Se como Herberto Helder nos alertamos, há uma lenta maturidade que importa considerar na obra de um criador, tal como foi este poeta, tal como foram muitos escritores, escultores e artistas plásticos, que progrediram na sua descoberta sobre os motivos do mundo. Diferença Fernando Pessoa — que também desenvolveu diferentes estratégias de maturidade — que o único mistério do Mundo é não haver mistério nenhum. E talvez por isso a sua fragmentação na procura de mundos e universos diferentes em busca desse mistério que ele próprio construiu. E, importa disto-fo, que tem que se tem.

Na arquitetura a exigência por uma expressão de continuidade, fugada de uma linguagem, de um modo de fazer e de entender o mundo é uma presença física que muito tem derivado o natural processo de interpretação e a subsequente captação de ação por parte do arquiteto, na produção de arquitetura que, deste modo, se autoperpetua na condição de encontrar uma conciliação capaz de espelhar ou revelar o nosso tempo.

A fixação de uma ideia de arquitetura num qualquer processo de produção, material, tecnológica ou linguística é frequentemente um exercício conceitual que muitos arquitetos realçam como fator decisivo para a construção da sua marca, da sua identidade e do seu específico e genuíno, ou diferenciador, modo de fazer e de entender o mundo da arquitetura.

Deste modo se compreendem os diferentes suportes — formas, espaços — e as propostas de espaços físicos e interrelacionais, de edifícios complexos, com programas barres, ou de edifícios simples com programas complexos, até exemplos onde a teoria construtiva e o uso e abuso de um determi-

nado material é a legitimação de qualquer solução de edifício para um determinado contexto, tendendo ao cordão social.

A procura da diferenciação e da distinção, da quem é quem na arquitetura, quem é o arquiteto do betão, da madeira, ou do aço, da tecnologia

"Hoje, nada sei de quem me amou ou ama. Nada me reporte no tempo. Abro-me à unidade da vida — e amo o passado e o futuro com um só fervor: completo. A geografia não existe. Quem está em Joanesburgo e me ama ou possui um breve poema rabiscado nas costas de um envelope, ou quem me odeia em Roterdão e apenas tem algumas palavras sem destinatário, nada poderá supor da minha lenta maturidade. Esses papéis pouco valem a esses sentimentos (de amor e ódio). Vale quem Sou."

Herberto Helder

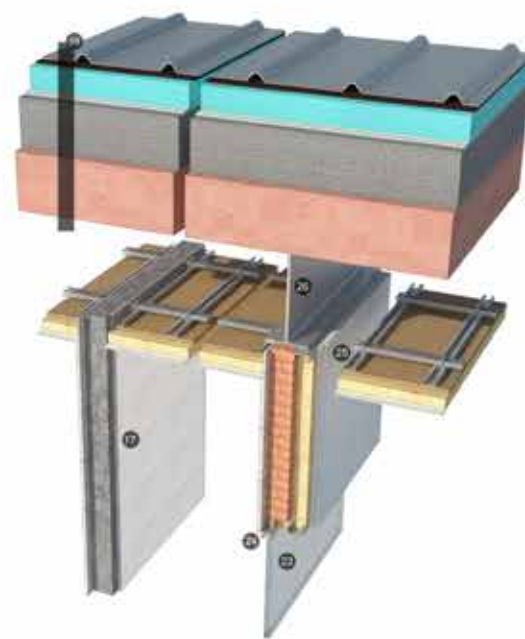
de porta, dos muros de granito, das pedras medievais, das casas pálio, do ar, da luz, da pedra, do cheiro e vazio, das calças e dos fios, dos reflexos e das mentes, tem levado a uma certa maturidade no modo de fazer e criar arquitetura em Portugal. Este facto, mais do que permite a di-



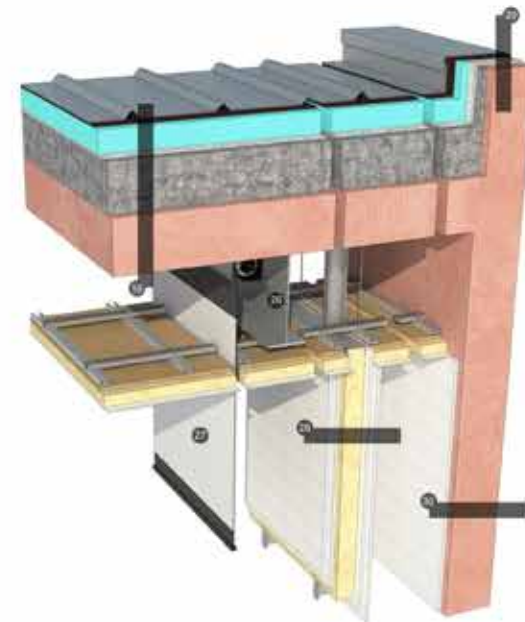
A



B



C



D



E



F

- 01 Divisor de parede formado por vito duplo 8x100mm sobre perfil em aço tipo T anexo B14/00mm
- 02 Camada de proteção de água pluvial formada por vito moldado em alumínio
- 03 Cota de concreto armado, não em alumínio
- 04 Divisor de parede formado por vito moldado, 100mm com a vedação à vista de forma em madeira
- 05 Puro acústico formado por painel de fibra mineral 100mm, painel acústico 100mm, camada de fibra, painel em gesso 20mm, camada de fibra em perfil de aço tipo C, isolamento no topo e na parede
- 06 Contrapiso formado por dupla camada em gesso 20mm, painel acústico em 8 de fibra 70mm sobre perfil em perfil C em aço 150/20mm
- 07 Sistema de iluminação de emergência
- 08 Difusor para sistema de condicionamento de ar
- 09 Excitador para luzes em MDF lacado a 100mm
- 10 Sistema de isolamento em MDF lacado a 100mm
- 11 Piso em concreto armado de 100mm, camada de argamassa, 30mm de revestimento 20mm, laje em concreto armado 50mm, laje em concreto armado 100mm, laje em concreto armado 300mm, camada de ac. base
- 12 Roldão formado por placa em alumínio 20mm
- 13 Sistema de drenagem geométrica, membrana impermeabilizante, camada de argamassa, camada de concreto em laje armada 200mm, membrana impermeabilizante
- 14 Membrana em laje, camada de proteção, laje, painéis de drenagem, membrana impermeabilizante, camada de argamassa, painéis de concreto em laje armada 200mm, membrana impermeabilizante, laje
- 15 Divisor em laje armada 200mm, concreto em aço 100x100mm de espelho de piso
- 16 Colunas formadas por vito injetado, membrana impermeabilizante, painel isolante em poliestireno expandido 30mm, camada de argamassa impermeabilizante, placa de isolamento, bloco de concreto para a formação do moldado, laje em laje armada 200mm
- 17 Divisor em laje armada 100mm, isolamento em argamassa 20mm
- 18 Piso em laje de concreto armado 200mm, membrana impermeabilizante, camada de argamassa com isolante em 8 de fibra, bloco de concreto 50mm, laje em laje armada 50mm, laje em laje armada 200mm
- 19 Paredão de concreto formado por bloco de concreto 200mm, concreto 20mm, moldura de aço em espelhos e isolante em madeira 100mm, bloco de revestimento
- 20 Painel duplo em gesso 20mm, painel acústico em 8 de fibra 70mm sobre perfil em perfil de aço tipo C 150/20mm, camada de fibra 100mm, argamassa 150mm
- 21 Isolado em HFR
- 22 Beto em aço com isolante injetado 100mm de espelho de perfil de aço
- 23 Fita de fibra em vito duplo 8x100mm
- 24 Contrapiso em aço 300/20mm de acabamento
- 25 Difusor e excetor para sistema de condicionamento de ar
- 26 Estrutura em vito tipo PNE 200 de apoio de colunas
- 27 Tela metálica para proteção
- 28 Contrapiso formado por dupla camada em gesso 20mm, painel acústico em 8 de fibra 70mm sobre perfil em perfil de aço tipo C 150/20mm, painel duplo em gesso 20mm
- 29 Alu em alumínio, membrana impermeabilizante, camada de argamassa impermeabilizante, laje em laje armada
- 30 Divisor em laje armada com revestimento, 200mm com a vedação à vista de forma em madeira, argamassa

frente&verso



**arquitetura
e modos de
construir**

Loja Online

www.ciamh.biz.sapo.pt

U.PORTO

UNIVERSIDADE
DO PORTO
FACULDADE
DE ARQUITECTURA

CENTRO
DE ESTUDOS
DE ARQUITECTURA
E URBANISMO
CEAU

CENTRO
DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS
DE HABITAR
CIAMH

Edições CIAMH - Centro de Inovação em
Arquitetura e Modos de Habitar
Via Panorâmica S/N, 4150-755 Porto PORTUGAL
www.arq.up.pt (+351) 226 057 100
ciamh.faup@gmail.com

Coordenação Editorial Nuno Lacerda Lopes
Desenho 3D Beatriz Nunes, Elvies Andrade, Henrique
Siza, Humberto Madruga e Mariana Campos
Fotografia Luís Ferreira Alves
Todos os direitos reservados © CIAMH e autores
ISSN 2182-8237



CIAMH

COMPETE

QR
QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007-2013

UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA